

O CORPO ANDARILHO E O DIZER PELA ARTE

EPÍSTOLA: ITINERÁRIO ACERCA DA ESCRITA DO CORPO ANDARILHO E A TRAJETÓRIA DE SI

Data de aceite: 01/11/2023

Marcus Venicius Filgueira de Medeiros

Karlla Christine Araújo de Souza

ITINERÁRIO - O SER TÃO ABROLHOU

O corpo é criador de beleza, apreendedor do inacabado humano, assim, começo entrelaçado nas experiências de professor crítico e aventureiro, Paulo Freire (1996), em seu livro **Pedagogia da Autonomia**. Embarco no pensamento freireano, deixando-me levar pelo corpo de boniteza, da comunhão da re-existência epistêmica, consubstanciada nas relações histórico-cultural e social. Eu, aventureiro-pesquisador, inquietado pela escrita corpórea do ser-sujeito, envolvido no ritual sacro profano do agente da criação, corroboro com o Freire (1996). Sobretudo quando o autor assegura que o corpo tem a capacidade de intervir no mundo, de ter decisão, de fazer rompimentos, de realizar grandes ações, e de manifestar testemunhos.

Nesse sentido, o corpo consciente é epistemológico e empírico, atravessado pelos paradoxos do pensamento e do conhecimento corporizados nas dicotômicas: razão versus emoção; ideias versus sentimentos; autorreflexão versus compreensão; vivências versus espiritualidade. É este corpo aprendiz, tecido na luta da re-existência, que trago para a superfície, a partir dos aparatos apresentados pela vida, como: a inteligência, a comunicação, a experiência, e, por fim, a desenvoltura no agir criativo para a elaboração de paradigmas de luta, de superação dos silêncios. É uma inquietação aflorada a partir da convivência com sujeitos, desenhados nesses contextos, de acreditar na construção de uma sociedade mais humana.

O fato de ser uma carta epistemológica, poética, torna-se relevante por ser o relato de uma experiência de um corpo andarilho, fértil, cultivado no chão, atravessado pela experiência de espiritualidade do Movimento de Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP).

Afora-se, portanto, no plantio para a safra da boa nova, corporizada por jovens da periferia urbana e rural, atravessados pelo compromisso político e educacional de promover a reflexão acerca das violências discursivas opressoras. Esta juventude, nesse contexto, é representada pela narrativa de Rogenildo Silva, o corpo andarilho de Mossoró (RN). Uma vez que ele se enxerga sob uma óptica retrospectiva, e tem a finalidade de ser uma re-existência do corpo jubiloso emergente, com a fluorescência eucarístico-científica do seu itinerário, da sua trajetória alinhada à Sociologia da Ausência, instigando a materialização de um trabalho de Cocriação.

Para Santos (2022), é possível ampliar a compreensão acerca da mística da espiritualidade, vivenciada pelos corpos dos movimentos pastorais, quando é apresentada de forma plena e segura. Há uma importância celebrativa, através do canto e da dança dos momentos de vitória e de derrota na luta, porque essas linguagens reordenam a alegria, a força, a esperança, o desejo de não se deixar ser vencido. Nessa situação, a mística da espiritualidade é vivenciada, como alimento para o corpo e para a alma. Conforme nos diz Santos:

[...] as epistemologias do sul entendem a alegria, o júbilo, a celebração e a festa como expressões de força vital exigida pelas lutas contra a opressão[...] o caráter performativo de muitos conhecimentos que se ancoram nas ecologias de saberes reforça a renegociação, ou mesmo a subversão, da realidade, o que é necessário para que a luta continue (2022, p.143).

Desta forma, foi preciso emaranhar os caminhos traçados pelo sujeito da narrativa, adentrando no desconhecido pela busca de um lampejo luminoso questionador: de que forma a mística da espiritualidade do movimento popular de juventude contribui para o itinerário da escrita do corpo andarilho, na trajetória de si, para que este se torne um corpo jubiloso? A questão-problema está respaldada no chão do cultivo da enxada da fé, em ressonância com o sujeito da pesquisa, renascido na cosmogonia e na sua ecologia de saber. Além disso, afina-se com o olhar retrospectivo, ou seja, com foco na importância da existência da pluralidade de desenhos de conhecimentos e o aquecimento da razão. Para isso, tem um compromisso com a cosmogênese dos seus princípios religiosos, e com o assanhamento cênico e artístico performático do corpo na caminhada de exploração das emergências interiores, em Co/interpretação com o pesquisador.

É um trabalho iniciado na pesquisa bibliográfica com embasamento teórico e metodológico, apoiada no método biográfico em ciências sociais para o princípio co-laborativo de fala e de escuta, fiado na história oral do sujeito narrador, e imergido na sua subjetividade. Atravessa o viés da pesquisa interativa, por se tratar do corpo emergente da sociologia da ausência para o ser-sujeito presente da sociologia da emergência. Tem como compromisso o resguardo da introspecção e da memória seletiva dos fatos relevantes, revelados pelo sujeito da pesquisa, que contribuíram para a escrita deste corpo do ser pastoral. Este assume a narrativa de si como relato de experiência, na oralização

dos seus pertencimentos, nas interpretações dos seus itinerários e nas experiências de suas trajetórias de atuação. Degusta suas alegorias a partir de encontros de conversas e entrevistas gravadas para a construção do saber personificado, embasado na complexidade das construções intersubjetivas, afetivas e sinestésicas do ator social. Destaca ainda as implicações nas escritas dos corpos hiperbólicos; as performances assumidas nas relações com interlocutores; a apropriação de linguagens metonímicas; e os aspectos cognitivos trazidos para a vida, para o cotidiano, para as aprendizagens transdisciplinares.

O Ser tão aflorou, hora de seguir esse itinerário para a descoberta da escrita deste corpo andarilho resistente. Não teria outro jeito se não fosse esse caminho trilhado a partir desta homilia, ou seja, fazer a reflexão do corpo do inacabado a partir da poética da vida, dos sentidos, da emoção e do jeito de olhar para a vida como uma sementeira. Sendo assim, uma forma de fusão entre o conhecimento epistemológico rígido e o conhecimento empírico da sabedoria popular. Visto que se torna acessível aos que estão do lado da vida, como ser tão necessário de vir para a superfície da re-existência, ornado de uma ecologia de saberes adquirida no suor, na garra, no enfrentamento do patriarcado, do colonialismo, do capitalismo de poder.

O CORPO SE FEZ CARNE– HÁ BONITEZA NA PRÁTICA

Esta epístola é o flerte com a ação-reflexão-ação do sujeito e suas memórias – o modo do saber-fazer do sujeito-no-mundo, como sua presença não assegurada na linguagem conceitual. Optar por essa unidade sociocomunicativa é mergulhar na experiência social no intuito de minimizar as distâncias existentes acerca das compreensões entre: sabedoria e conhecimento, oralidade e escrita, empirismo e epistemologia. É o modo de florescer da escrita do corpo nessa vivência espiritual implicada na sinestesia, e na quebra de paradigmas hegemônicos, inóspitos, desencadeando um dialogismo com outros olhares. Refletindo, assim, sobre as idiosincrasias tão impregnadas nos sujeitos das resistências e de seus comportamentos, sob as formas de poder que os tornam invisíveis, ausentes, sem lugar de fala, de atuação e performances. Para Santos (2022):

O caráter corpóreo do conhecimento que mobiliza os indivíduos lutadores implica que o conhecimento nunca é mobilizado apenas com base em razões, conceitos, pensamentos, análises ou argumentos. Por mais importantes que possam ser para formular os termos da luta e os meios de levar a cabo, por si mesmos não se tornam ação, especialmente se essa ação implica risco existencial, a não ser que estejam impregnados de emoções, afetos e sentimentos. Estes são indispensáveis para converter a resistência num imperativo ou num desafio inevitável (SANTOS, 2022, p. 149).

Em outros termos, assegurando o dever existencial do ser, este trabalho reflexivo é o instrumento interpretativo de quem se implica com a pesquisa da valorização humana, ou melhor, com suas peculiaridades discursivas orais como fonte de sabedoria, sem o privilégio assoberbado do conhecimento rigoroso e monumental. Neste modo, o conhecimento

oral precisa deixar de ser visto como sendo de pessoas sem grau elevado de formação e inteligibilidade, pois este é utilizado pelos integrantes dos movimentos populares para o registro de seus pertencimentos nas lutas da comunidade: contadores de história, cordelistas, rezadeiras, emboladores de coco, cirandeiros, repentistas, curandeiras, adivinhas, profetas do povo, povos originários, afro descendentes, declamadores, oradores, entre outros. De modo que necessita deixar de ser considerado ingênuo e não confiável (SANTOS, 2022).

Esta sabedoria oral é livre de amarras: não se prende às disciplinas, não se curva aos tempos lineares, e nem muito menos às delimitações espaciais, sendo contemplativa e ativa nas interlocuções, bem como na construção da poética cotidiana. Pertence à subjetivação do corpo, à performatividade, à atuação nas decisões socioculturais e nos seus itinerários formativos para uma conduta de luta, resistência, resiliência, mudança e celebração da vida. Porque o corpo é um instrumento aguerrido de força e de determinação para não sucumbir, pois nele estão as linhas percorridas das vivências e das participações nas decisões da vida, sejam elas exitosas ou não. Santos (2022) afirma:

Corazonar é o ato de construir pontes entre emoções/afetos, por um lado, e conhecimento/razões, por outro. Essa ponte é como uma terceira realidade, ou seja, uma realidade de emoções/afetos com sentido e saberes emocionais e afetivos. Na verdade, corazonar é tanto a ponte quando o rio que esta atravessa, já que, com a evolução do coranozar em conjunto com a luta, a mistura emoções/conhecimentos se encontra em permanente mudança (SANTOS, 2022, p. 154).

O corpo está na viagem do inacabado, em diálogo com as forças presentes na natureza: meio ambiente, universo, outros sujeitos, com o cosmo e com o místico para sua formação política. Seja ele moribundo, sofrido ou jubiloso. Ele representa a identidade do sujeito, o gênero, como também seu lugar no mundo, a sua condição social, e seu crescimento.

Em entrevista com Rogenildo Silva, sujeito desta pesquisa, mossoroense, nascido no Bairro do Alto da Conceição, desde sempre atuante na religião católica cristã, membro efetivo do movimento de Pastoral de Juventude do meio popular, logo vem nos enfeitar com sua narrativa de vida, arraigada de memórias, de simbologias, de apetrechos da sua significação no mundo. Uma vez que possui uma vida de viajante, de itinerários para a construção de uma epístola poética, trazendo seus argumentos sistemáticos para integrar tal movimento e fazer dele a sua razão de acreditar “no novo céu, na nova terra.” Ao mesmo tempo em que não acredita no ato mágico, mas crê na força da união, do agrupamento de ideias, vozes, corpos, utopias semelhantes, materializadas nas lutas dos iguais, dos que são excluídos, dos que não são contemplados com as políticas de cidadania, de respeito e de direitos adquiridos. Para Elias (1994):

A gravidade dos conflitos que questionam constantemente a relação entre indivíduo e sociedade, nos dias atuais, restringe nosso pensamento a certos limites. A agitação e o medo provocados por esses conflitos em todas as pessoas implicadas podem ser vistos na carga afetiva de que se revestem todas as palavras direta ou indiretamente relacionadas com eles; tal carga coalesce em torno dessas palavras, formando uma aura de valorações que mais faz obscurecer do que esclarecer o que elas pretendem expressar (ELIAS, 1994, p.16).

Rogenildo Silva soma-se às dores de uma juventude sem oportunidade, presente na área rural e na área urbana, e, através da performance corporal, instiga uma atitude reflexiva e poética, a partir da criatividade e do lúdico da linguagem, das formas orais e de movimento para a vivência ética e estética da subjetividade do corpo jubiloso. É um ser-no-mundo, inquieto, buscando a pertença na construção de utopias coletivas, na participação ativa e participativa de grupos implicados nos ideais de fraternidade, igualdade, liberdade e democracia. Tanto que vai tecendo a sua ecologia de saber, a partir de uma escrita coletiva, vivenciada na mística da espiritualidade, pelos princípios de horizontalidade: canta, dança, encena, usa a simbologia dos elementos da natureza (água, ar, terra e fogo). Descreve-se inquieto e aprendiz cotidiano, por isso vai ampliando sua co/pertença nas experiências com outros povos, novos territórios, e na ocupação de espaços e vivências. Também habita o meio acadêmico, pois é discente do curso superior – LEDOC – Licenciatura da educação do campo – UFRSA/Mossoró - RN. Como nos impulsiona Nicolescu (1999):

Um novo Princípio de Relatividade emerge da coexistência entre a pluralidade complexa e a unidade aberta: nenhum nível de realidade constitui um lugar privilegiado de onde possamos compreender todos os outros níveis de Realidade. Um nível de Realidade é aquilo que é porque todos os outros níveis existem ao mesmo tempo. Este princípio de Relatividade dá origem a uma nova maneira de olhar a religião, a política, a arte, a educação, a vida social. E quando nossa visão de mundo muda, o mundo muda. Na visão transdisciplinar, a Realidade não é apenas multidimensional, é também multireferencial (NICOLESCU, 1999, p. 61).

Neste processo formativo da escrita do corpo andarilho, o corpo se faz carne, compõe a partitura da sua existência com a multiplicação dos saberes, colhendo as bonitezas na prática de dialogar com outras linguagens. Na formação dessa ecologia de saberes, possui marcadores de maturidades, usados como bússola da condução desta escrita arraigada de afetos e desafetos; de vitórias e derrotada; de respeito e desrespeitoso; de aprendizagem e des/aprendizagem. Porque o movimento pastoral sempre esteve marcado por essa luta contra a cultura hegemônica, eurocêntrica, patriarcal e capitalista. Mesmo sendo um movimento de igreja, sempre viveu na linha abissal de juventude excluída, das disparidades entre campo x cidade; centro urbano x periferia; negros x brancos, entre outras diversidades.

Correto dizer que o conhecimento é pertinente, possível, porque atravessa a experiência cuja acumulação vai sendo responsável pelos componentes expressivos da

subjetividade, acordados no ser-sujeito através dos sentimentos e dos sentidos. Estes responsáveis pela transformação do que é experienciado em sabedoria, implicado nos cinco sentidos e suas combinações sinestésicas, para a “decodificação dos referenciais culturais. Tanto que implicitamente, no processo de conhecimento, permite descobrir a que ponto “nossa” subjetividade está, de fato, socioculturalmente “invadida”, dependente ou devedora” (JOSSO, 2010, p. 222).

Toda essa escrita do corpo é transubstanciada em laços de intersubjetividade, pois nada se constrói no vácuo. É da condição humana, da construção das identidades, o ato de pensar as cosmogonias de cada sujeito, interligado a outros sujeitos, na superfície da sociedade. Ninguém consegue escrever esse corpo sozinho, é preciso estabelecer as relações para a gestação do mundo e resolução de conflitos, compreendendo as trajetórias como plurais, pela necessidade do outro pelo outro, para o redesenhar-se e significar-se na existência do mundo. No dizer de Bauman (2004, p. 98): “Aceitar o preceito do amor ao próximo é o ato de origem da humanidade. Todas as outras rotinas da coabitação humana, [...], são apenas uma lista (sempre incompleta) de notas de rodapé a esse preceito”.

Com isso, é possível discorrer acerca do corpo jubiloso. Este atravessa toda a maré das águas turvas para se tecer a vida, com os fios produzidos a partir do que é vivido. É um texto não verbal, embora seja celebrado o verbo feito corpo, habitado no meio do povo, personificado nos elementos utilizados nas místicas espirituais. A invenção de linguagens, como a da dança, ou o movimento do corpo celebrativo nas lutas sociais para as manifestações do regozijo, das vitórias, das batalhas, dos enfrentamentos. Mesmo que estes nem sempre tragam o êxito esperado, o corpo jubiloso escrito no movimento não se acovarda, não se entrega ao marasmo ou ao sentimento de fracasso, de perda, de derrota. É um corpo escrito num itinerário performativo de revivificar o espírito e continuar no casamento com o compromisso assumido: enxergar com o tato, respirar com a visão, degustar com o olfato, ouvir com o palato, sentir com a audição.

Foi partilhada a voz da memória do sujeito da pesquisa. Elaborei uma entrevista, marquei o dia e a hora, e fui gravar as inquietações deste corpo de inquietações, de itinerários e de trajetórias. Um trabalho de Cocriação, de olhar retrospectivo e prospecção, de uma narrativa arraigada de mística, de espiritualidade, de pertencimento e de maturidade na autoaprendizagem do dia a dia. Um corpo aguerrido, de utopias e de lutas, de sensações e de frustração pelos contextos de retrocesso, de intolerância, de discurso de ódio e de negação de direitos tão expressivos na sociedade atual. Foi um momento salutar de mergulhar na memória e riscar sua biografia de agente pastoral, de cidadão pleno de convicções, de reconhecer como exemplo o profeta do povo: Dom Helder de Oliveira Câmara. Uma vez que se tornou a primeira voz a ecoar em favor da criação de uma pastoral de juventude no meio popular, como opção pelos pobres, da Igreja Católica Apostólica Romana, mas que sempre teve um cunho ecumênico. Tudo isto foi registrado na transcrição da narrativa.

O corazonar é o itinerário formativo do corpo presente no movimento popular, este faz a sua escrita andarilha com a homilia dos sujeitos, emergidos na valorização das dimensões cognitivo-afetivas de aprendizagem do ser-sujeito da existência.

MANDACARU – O TORNAR-SE FORÇA, ESPERANÇA E CORAGEM

Depois de todo esse diálogo com o embasamento bibliográfico, passemos a ouvir a narrativa biográfica deste corpo escrito, ou seja, sua trajetória formativa na perspectiva sinestésica de corazonar este itinerário, de se tornar presença. É o momento da história oral, de biografar esta epístola com a escuta do corpo andarilho em sua emergência de ser-fazer presença, a partir das memórias da materialização das suas utopias no movimento pastoral. É o exercício da pesquisa (auto) biográfica como processo de interação com o sujeito do corpo escrito na horizontalidade.

Quebrar o silêncio não é fácil. Sair da ausência e trazer para a superfície das vivências o que foi produzido na luta, e pela luta, através da resistência, do enfrentamento e das mais variadas formas de opressão - é escrever com júbilo a sua essência, o seu corpo estético para se fazer presença no mundo. Assim, é o relato formativo de Rogenildo Silva, a experiência da sua mística e a sua escrita de corpo a partir da ecologia de saberes. Ele nos narra:

... eu sou um eterno sonhador, eu, eu me vejo um eterno sonhador desde a minha juventude, lá no Alto da Conceição, quando comecei a trabalhar com juventude, eu sentia uma inquietação na minha vida pra descobrir o que era que Deus queria de mim, tanto que eu fui logo entrando na catequese, depois fui para a Legião de Maria, aí eu me encontrei na Pastoral de Juventude do meio popular onde eu lá comecei a participar e fazer com que eu, eu sentisse mais gente, pra me sentir mais gente eu tinha que fazer algo mais pela comunidade, aí, foi aí que Rogenildo Silva, né, de família simples, né, eu tenho quatro irmãos, o único que se interessou pelas coisas da igreja fui eu, e essa é minha inquietude (...). Nesse espaço de Luta e Resistência, fiz a minha história lutando com jovens e por jovens da zona rural e urbana (Entrevista com Rogenildo Silva, em Mossoró/RN, janeiro de 2023).

Um relato de experiência arraigado de subjetividade e fatos marcados pelo contexto sócio-histórico de produção de conhecimento, articulado com a prática pastoral. Sempre em co-labor-ação com a mística espiritual do cuidado de si, do outro, do meio ambiente e da junção da fé com a vida. Portelli (2001, p. 10) “[...] a história oral é uma forma específica de discurso: história evoca narrativa do passado; oral indica meio de expressão”. Assim, vai sendo conduzida toda a trajetória desta escrita do corpo, o que reside no imaginário do sujeito e este, no processo de ser escutado, vai narrando o que inflama em sua subjetividade, como as memórias de sua formação enquanto ser imbricado no movimento pastoral, na fé alimentada pelo desejo de libertação sociopolítica da juventude do meio popular. A narrativa tem as suas marcas de fala do sujeito ouvido, os marcadores da oralidade, da poética da fala, contextualizada no sabor do seu saber retrospectivo. Ele mesmo vai tecendo esse tecido social na sua narrativa:

... tudo que eu faço, eu coloco fé, sabe, não perco a esperança ... eu sou esse sujeito como se diz na expressão que se doa em tudo que eu faço (...) quando eu acredito, eu coloco toda minha esperança, toda minha inquietude naquilo que estou fazendo (...) na pastoral de juventude não cabe o machismo, o racismo, a homofobia... A nossa mística é vivenciada em roda, um ao lado do outro, em sinal de igualdade e de horizontalidade. Porque a Pastoral de Juventude do Meio Popular - PJMP - é o fermento na massa para a juventude (...) lugar da igualdade, da teologia da libertação, do crescimento para o protagonismo e para a atuação na sociedade nas demandas dos sindicatos, do grito dos excluídos, das greves, e prol da juventude desempregada ... eu acredito nela, no encontrar... no caminhar no meio do povo, porque PJMP é, antes de tudo, acolhimento. A mística da espiritualidade nasce do conflito (...) da simbologia, da água, da lamparina que não pode se apagar (...) preparamos uma grande mandala, e dizer: que bom que você chegou(...)". (Entrevista com Rogenildo Silva, em Mossoró/RN, janeiro de 2023).

São silêncios quebrados, o ser físico presente nessa conquista coletiva de ecoar a voz e emergir para uma existência marcada pela produção de um discurso, embasado nas verdades e nos anseios que exigem direitos, deveres, reconhecimento escrito pelos sentidos. A escuta deve ser um momento de afetividade, de confiança entre o sujeito narrador e o ser epistemológico atravessado pelo seu objetivo, mas sem esquecer da subjetivação de quem está, naquele momento, trazendo de si as pertinências da pesquisa:

A PJMP não faz exclusão de pessoas, é o abraço forte para acolher ... me abriu os caminhos para vida, para a minha vida, por mais que os outros olhassem para mim com desprezo, né, (...) porque sempre existiu a pastoral de juventude - os jovens só de sacristia e a pastoral de juventude do meio popular, a juventude comprometida com as lutas e o engajamento social, depois veio a vontade de fazer mais, de crescer no lado social... Nasceu a ideia de criar uma entidade – Mandacaru – pra trabalhar as potencialidades artísticas dos sujeitos ... pra sociedade que não acredita nesses valores, sonos subversivos. (...) A gente acredita no Cristo libertador. Este trabalho de arte é fruto da PJMP – um movimento da periferia para trabalhar com crianças, adolescentes e jovens. A gente faz parte do grito dos excluídos, brigamos por uma educação de qualidade, estamos na universidade (...) Foi daí que eu criei a rede mandacaru de teatro. É um trabalho de arte com crianças, jovens e adolescentes na ilha de Santa Luzia, bairro da periferia de Mossoró. O trabalho foi iniciado com 200 integrantes. (Entrevista com Rogenildo Silva, em Mossoró/RN, janeiro de 2023).

A mística espiritual possibilita essa sensibilidade de desenvolver outras linguagens, de quebrar as barreiras de limitação de ações e de promover outros diálogos para o crescimento coletivo do ser da corporeidade. Isto porque o conhecimento vivo atravessa os sentidos, promove as sinestésias e vai no itinerário formativo da vida de viajante do sujeito da aprendizagem escrita no corpo. Permeia o sentido da sociologia das ausências, do processo de fazer emergência ao sujeito florescido, saído da invisibilidade para as relações aguerridas com outros sujeitos. Uma vez que luta contra o patriarcado, o conhecimento colonial e as abruptas negociações do capitalismo, promovedor de tantas injustiças sociais. Através da ecologia de saberes, a inquietação motiva o sujeito para o enfrentamento e

para a construção das novas possibilidades, para a Cocriação de novos agrupamentos, ocupações de espaços, sintonizadas com outras linguagens aptas de transformações, de novos paradigmas emancipatórios de homens e mulheres. Pois, a arte tem esse potencial:

Essa referência a visão na arte é pertinente porque o investigador pós-abissal vê profundamente quando “vê” que aquilo que está no seu alcance é uma entidade social que “quer” ser vista nos seus próprios termos, sob pena de apenas ser permitida uma visão trivial e superficial. Ver nos termos do outro, sendo o “outro” concebido como uma entidade que não depende de quem vê se familiarize com ângulos e perspectivas inesperados, muitas vezes incômodos, que se abra a emoções imprevisíveis suscetíveis de colocar em risco rotinas e certezas. O “outro” que é visto pelo investigador pós-abissal é como um pintor que retrata uma sociedade situada fora do âmbito da sua prática, das suas ideias e aspirações, dos seus textos orais e escritos, do seu conhecimento e ignorância, dos seus prazeres e sofrimentos, da sua resistência e desistência. Qualquer observação é sempre completada por aquilo que é observado ou por quem quer que seja observado (SANTOS, 2022, p. 246).

Existe uma escrita inquieta, aflorada pelos sentidos, escrita no corpo rompido pelo silêncio, mergulhada nessa epístola avassaladora. Não se permite mais ficar acuada ou esperando a mudança da vida pela mágica, ao contrário, mas na trajetória de se corazonar. O corpo foi programado para aprender e ensinar; para conhecer e ser conhecido; para intervir e apreender; para desenvolver novas tecnologias, novas sensações; e nunca para ser amordaçado por uma condição de tirania epistemológica colonialista.

(...) a minha inquietação, depois que passei a assumir a PJMP me fez criar um grupo de teatro na igreja para trabalhar com jovens. Foi uma experiência muito rica, porque gosto dessa troca, dessa troca de saberes, de aprendizagem, de conhecimentos diversos e vivos (...) por isso a nossa mística espiritual é sempre seguida de música, de canto, de simbologias ... Eu criei O Mandacaru companhia teatral ... nasceu no Auto da Liberdade, no barulho dos tambores do maracatu, interessante, repetindo dentro de mim como um mantra: mara catu... mara... manda... vai ser mandacaru. Eu panfletei, convidei os participando dizendo: Vamos criar um grande grupo de teatro aqui na cidade. Nasceu na praça da Estação das artes e reuniu vários artistas, de várias linguagens: dança, capoeira, teatro, música, poetas, cantores, esporte... (Entrevista com Rogenildo Silva, em Mossoró/RN, janeiro de 2023).

É o sujeito empírico na formação do corpo jubiloso, desde corpo atuante nas conquistas e nas derrotas; nas vitórias e nas tentativas de acertar. É o corpo que não se entrega, mas se fortalece em todos os instantes com as experiências. É o corpo que dança, que celebra, que faz a comunhão, que desperta com o sol e se encanta com a lua. O corpo cresce, desenvolve-se, cria laços e multiplica-se nas verdades nas quais acredita, carrega na sua estrada como atuação diária da sua existência. É o itinerário formativo estabelecendo-se nas relações históricas, culturais e sociais.

Eu não saberia viver longe de tudo isso que vivo até os dias de hoje. É onde alimento os meus sonhos e minha vontade de lutar por dias melhores. Rogenildo não existe longe da PJMP, por isso, mesmo adulto, eu me sinto jovem e atuante nessa pastoral. Já deixo o legado com as minhas filhas, assessorando a articulação de jovens na comunidade, assim como o grande profeta Dom Helder Câmara, o grande idealizador da pastoral. Eu sou um eterno jovem, não sei viver longe da PJMP... Eu acredito na mudança... A minha espiritualidade me dá esperança, me dá fôlego ... eu acredito na nova sociedade, no novo amanhã pra todos e todas O céu começa aqui quando a gente partilha (...) «Eu sou como o mandacaru - Resistência, não me entrego nunca. E quando eu partir, for residir no plano espiritual, que eu possa deixar o meu legado como exemplo para outros jovens. (Entrevista com Rogenildo Silva, em Mossoró/RN, janeiro de 2023).

O corpo é escrito pelo olhar do sujeito em co-labor-ação com o pesquisador. As narrativas vão aflorando à medida que a memória permite selecionar aquilo que deve ser dito ou não. É o momento da bio-grafia de si, de se refletir nesse mergulho memorialista, e perceber-se como construiu-se, autoformou-se, e trouxe para si tanta aprendizagem. E, assim, escreveu seu corpo nessa mística, nessa eucaristia arraigada de trajetória de experiências, diálogos, descobertas, lutas, atravessamentos, junção de sensações, sentimentos de derrota, angustia, perdas, mas de resistência acima de tudo. Ele celebra, com júbilo, por ter se tornado o protagonista da fala, o mandacaru aflorado de sua comunidade: a força, a esperança e a referência no dizer do outro. Sua corporeidade tem gestual, olhar de alcance, performatividade interativa. É a essência da ação-reflexão-ação de quem se deixar ser invadido por essa busca, pela troca mútua de olhares e de silêncio.

A escuta é feita, a entrevista é realizada com o intuito de apropriação por parte do pesquisador do material colhido do sujeito narrado. O resultado? Quem sabe? Só a produção da unidade sociocomunicativa, aqui designada de epístola, quem vai dizer. Que as linhas e as entrelinhas não sejam alegorias nem hipérbolos, mas o ético e o estético de quem “corazonou”, no discurso no qual a palavra oral e a escrita se desenvolveram conjuntamente.

PALAVRAS DA SALVAÇÃO

Esta é uma epístola inacabada, assim como é inacabado o ser humano em complexo processo de instrução e de concepções do seu corpo histórico social e cultural, afinal, o corpo é a existência do sujeito na luta e na re-existência. Eis uma epístola – um relato de experiência de uma formação pautada na sinestesia da espiritualidade do cuidar de si, do conhecer-se, e fazer de tudo isso a multiplicação do corpo e da aprendizagem para a alimentação diária.

Foi, de verdade, o registro formativo de um ser que viveu a metamorfose co-labor-ativa sociocultural de estar-no-mundo, de ser escrita corporal para o estado de pertencimento nos espaços de fala e de voz de quem sai da ausência e passa a ser emergência, presença com o seu corpo jubiloso. A compreensão do itinerário de formação foi possível pelo processo

de escuta, de deixar a voz do sujeito da pesquisa ser materializada, do discurso produzido ter aflorado das memórias, das sinestesias, e das vivências. Tanto que as atuações em um movimento popular de juventude deixaram suas marcas na subjetividade de quem se fez corpo e habitou no meio de tantos jovens, sedentos de cognição, afetividade, significações e possibilidade de ser-fazer existencialidades.

Um exercício de conhecimento e de linguagens, a partir das leituras realizadas, da pesquisa-ação, do método biográfico e da possibilidade de exercitar a conversa e a entrevista espontâneas para a gravação da narrativa do sujeito da pesquisa. A oportunidade de saborear o saber, a partir da junção da produção empírica e epistemológica.

O tema não poderia ser outro; o título não poderia ser registrado de uma outra forma. Tudo foi planejado com o propósito da ousadia, do correr o risco, de se afrontar e de dizer que existe lugar na academia para os saberes diversos: para a poesia, para a oralidade e para os corpos invisibilizados, existentes nos movimentos populares, produzindo seus itinerários e as trajetórias de si através da mística da espiritualidade. É uma vida de viajante com a escrita biográfica, uma carta epistemopoética, registrada por um corpo arraigado de subjetividade e de sabedoria para serem transmitidas pelo corpo performático, ativo, pronto para o enfrentamento dessa sociedade, pautada no lucro, no consumo, nas relações líquidas.

É o corpo criador de beleza, jubiloso, arraigado de boniteza em sua plenitude para o enfrentamento dos silêncios, produtores em processos constantes de reconstrução e de escrita do conhecimento-da-luta.

REFERÊNCIAS

ELIAS, N. A sociedade dos indivíduos. Organizado por Michael Schroter, tradução: Vera Ramalho. Jorge Zahar Editora, Rio de Janeiro, 1994.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (coleção leitura).

JOSSO, M. C. A experiência de vida e formação/ Marie-Christine Josso; tradução de José Cláudio, Júlia Ferreira: revisão científica Maria da Conceição Passegi, Marie-Christine. – 2ª ed. ver. e amp. Natal RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. 341 p. – (Coleção Pesquisa (auto)biográfica & Educação. Série Clássicos das histórias de Vida)

MORIN, E. Introdução ao pensamento complexo. Tradução do francês: Eliane Lisboa. – Porto Alegre: Soluna, 2005.

NICOLESCU, B. O manifesto da transdisciplinaridade/Basarab Nicolesco; [tradução Lúcia Pereira de Souza]. – São Paulo: TRIOM, 1999.

PORTELLI, A. História ora como gênero. Tradução: Maria Therezinha Janine Ribeiro – São Paulo, 2001.

SANTOS, B. S. O fim do império cognitivo – A afirmação das epistemologias do sul. 1ª ed. – Belo Horizonte: Autêntica editora, 2022.